

## MONSTROS SALAZARISTAS: O ARQUÉTIPO DOS ZUMBIS E OS PERSONAGENS EM O MUNDO DOS OUTROS, DE JOSÉ GOMES FERREIRA

Rafael Faria da Cunha Pinho<sup>1</sup>

Daniel Marinho Laks<sup>2</sup>

### Resumo

Utilizando a metodologia baseada na teoria dos monstros de Jeffrey Jerome Cohen (1996) nas teorias acerca da inimizade de Achille Mbembe (2017) e nas teorias acerca da biopolítica de Roberto Esposito (2010), o presente artigo objetiva ler os personagens dos contos *A sombra, Infância estragada: memórias em forma de panfleto ilustrado* e *A rapariga sem cara*, presentes no livro *O mundo dos outros: histórias e vagabundagens*, de José Gomes Ferreira (2000), ambientadas no contexto do Estado Novo português, regime fascista liderado por Salazar, a partir da figura arquetípica do zumbi a fim de pensar características específicas do corporativismo fascista e sua lógica de produção de inimigos e massificação corporativista do corpo social. Os três contos analisados apresentam personagens que são “contaminados” pelo meio político-social salazarista e que, após essa contaminação, são retratados como seres sem individualidade, agressivos e que vivem somente para satisfazer suas necessidades primárias, além de possuírem características físicas semelhantes à figura dos zumbis (sendo representados mal vestidos ou com deficiências físicas). As figuras semelhantes ao arquétipo dos zumbis se relacionam ao corporativismo organicista, característica dos regimes fascistas e de sua lógica de gestão dos corpos afeita à produção de inimizade.

**Palavras-chave:** Literatura Portuguesa. O Mundo dos Outros. Teoria dos Monstros. Biopolítica. Inimizade.

### SALAZARIST MONSTERS: THE ARCHETYPE OF ZOMBIES AND THE CHARACTERS IN JOSÉ GOMES FERREIRA'S O MUNDO DOS OUTROS

### Abstract

Using the methodology based on the monster theories by Jeffrey Jerome Cohen (1996), the theories on enmity by Achille Mbembe (2017), and the theories on biopolitics by Roberto Esposito (2010), this article aims to analyze the characters from the short stories *A sombra, Infância estragada: memórias em forma de panfleto ilustrado* and *A rapariga sem cara*, which are featured in the book *O mundo dos outros: histórias e vagabundagens* by José Gomes Ferreira (2000). These stories are set in the context of

<sup>1</sup> Graduando em Letras - Inglês na Universidade Federal de São Carlos. ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-1406-5302>. E-mail: pinhorafael@estudante.ufscar.br.

<sup>2</sup> Bolsista de produtividade CNPq, professor adjunto e professor do quadro efetivo do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura (PPGLit) da Universidade Federal de São Carlos. Possui doutorado pelo programa de pós-graduação Literatura, Cultura e Contemporaneidade da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. É mestre em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2011). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3206-4178>. E-mail: daniellaks@ufscar.br.

the Portuguese Estado Novo, a fascist regime led by Salazar. The analysis uses the archetypal figure of the zombie to examine specific characteristics of fascist corporatism and its logic of enemy production and corporatist massification of the social body. The three analyzed short stories present characters "contaminated" by the Salazarist socio-political environment who, after this contamination, are portrayed as beings without individuality, aggressive, and living only to satisfy their primary needs, while also possessing physical characteristics similar to zombies (being depicted as poorly dressed or having physical deformities). These figures resembling the zombie archetype relate to organicist corporatism, characteristic of fascist regimes and their logic of body management aligned with the production of enmity.

**Keywords:** Portuguese Literature. O Mundo dos Outros. Monster Theory. Biopolitics. Enmity.

## 1 Introdução

O presente artigo se propõe a traçar uma análise literária dos contos *A Sombra, Infância Estragada: Memórias em forma de panfleto frustrado* e *A Rapariga sem Cara*, presentes no livro *O mundo dos outros: histórias e vagabundagens*, de José Gomes Ferreira. Tal análise objetiva investigar como os personagens dos contos, que se passam durante o período do Estado Novo português, podem se relacionar com o arquétipo monstruoso dos zumbis, com o objetivo de demonstrar a potência do zumbi como uma figura com a capacidade de relacionar os indivíduos inseridos na dinâmica corporativista dos fascismos com os conceitos de biopolítica e inimizade, além de revelar características específicas de tais regimes.

A análise foi realizada levando em consideração a Teoria dos Monstros, com base no livro *Monster theory: reading culture* (Cohen, 1996), que se revela frutífera ao demonstrar como os arquétipos monstruosos na literatura são perpassados por aspectos sociais, históricos e culturais das sociedades em que as obras são produzidas. Conforme afirma Jeffrey Jerome Cohen,

The monster is born only at this metaphoric crossroads, as an embodiment of a certain cultural moment – of a time, a feeling and a place (...) The monstrous body is pure culture. A construction and a projection, the monster exists only to be read (Cohen, 1996, p. 4)

Além da Teoria dos Monstros de Cohen, foram utilizadas as teorias de Roberto Esposito acerca da biopolítica e as teorias de Achille Mbembe sobre a inimizade. Adicionalmente, foi utilizado como aporte teórico o livro *Salazar e os fascismos: ensaio breve de história comparada* (Rosas, 2023), para compreender como o Estado Novo português e sua característica corporativista se relacionam ao arquétipo dos zumbis.

## 2 Biopolítica e inimizade no Estado Novo Português

Para a análise dos contos contidos no livro de José Gomes Ferreira à luz das teorias acerca da monstruosidade, é necessário explicar os conceitos de biopolítica e inimizade e como estes se relacionam com o contexto da sociedade portuguesa durante o período do Estado Novo de António de Oliveira Salazar. O Estado Novo português, instalado em 1933 e derrubado em 1974, possuiu como figura central António de Oliveira Salazar, apesar de sua morte preceder a queda do regime em 6 anos (Rosas, 2023, p. 156). Durante esse período, Salazar impôs diversas reformas na sociedade portuguesa que caracterizam seu governo, segundo Fernando Rosas, como a “modalidade portuguesa do fascismo” (Rosas, 2023, p. 247).

Após o início do Estado Novo, o governo salazarista impôs diversas medidas de cunho fascista, proibindo os partidos políticos e as greves, implementando a censura e utilizando a violência de forma generalizada. Os objetivos de Salazar com tais medidas eram a criação do “homem novo” português, que se alinhasse a uma sociedade que seria “naturalmente” organicista e corporativa, além de manter o caráter anticomunista e antiliberal do regime (Rosas, 2023, p. 250-251). A ditadura de Salazar possuía, portanto, como uma de suas bases, a construção do organicismo corporativista. Segundo Rosas,

Todos os regimes fascistas repousam na ideia mítica de uma entidade orgânica fundadora da identidade, da raça ou do ser nacional, forjada intemporalmente pela “ordem natural das coisas, magnífica na sua espontânea harmonia, hierarquicamente ordenada na sua grandeza, gloriosa pela sua história e portadora de um superior destino ontológico de domínio ou de suserania imperial a cumprir. Esse corpo racial ou nacionalmente unido, coeso, onde o indivíduo integrado harmoniosamente no seu corpo natural de pertença (a família, a autarquia, a escola, a empresa...) se submetia ao império do interesse nacional, ou da raça (Rosas, 2023, p. 158).

O Estado, em uma sociedade fascistizada, seria, portanto, análogo a um organismo com vida própria. O fascismo excluiria as individualidades, com cada sujeito sendo somente uma parte do “corpo” estatal. Esse pensamento da sociedade como um ente biológico se relaciona com a teoria da biopolítica.

Segundo Roberto Esposito, em *Bios: biopolítica e filosofia* (2010), a biopolítica sobrepõe a vida (e, por conseguinte, a morte, como um desdobramento da vida), vista a partir de seu caráter biológico, sobre a organização político-social, além de sobrepor a organização político-social à vida (Esposito, 2010, p. 22). Assim, ao considerar o corpo

social como um organismo biológico e vivo, as ditaduras fascistas (incluindo a de Salazar) se revelam como um resultado da biopolítica ao sobrepor uma característica própria da biologia à configuração política da sociedade portuguesa.

Um dos mais influentes autores para o estudo da biopolítica, segundo Esposito, foi Michel Foucault (Esposito, 2010, p. 23). Em *Vigiar e punir: nascimento da prisão* (2014), o autor francês realiza um estudo acerca da forma como os poderes públicos criaram mecanismos de punição e disciplina contra os indivíduos. Segundo Foucault, a partir do século XVIII, ocorreu a instituição de uma sociedade disciplinar que, a partir do controle do corpo, do tempo e do espaço ao redor dos indivíduos, busca adestrá-los (Foucault, 2014, p. 135). Entre as técnicas utilizadas para tal adestramento, segundo Foucault, é a aplicação de sanções:

Na oficina, na escola, no exército, funciona como repressora toda uma micropenalidade do tempo (atrasos, ausências, interrupções das tarefas), da atividade (desatenção, negligência, falta de zelo), da maneira de ser (grosseria, desobediência), dos discursos (tagarelice, insolência), do corpo (atitudes "incorrectas", gestos não conformes, sujeira), da sexualidade (imodéstia, indecência). Ao mesmo tempo é utilizada, a título de punição, toda uma série de processos sutis, que vão do castigo físico leve a privações ligeiras e a pequenas humilhações. Trata-se ao mesmo tempo de tornar penalizáveis as frações mais tênues da conduta, e de dar uma função punitiva aos elementos aparentemente indiferentes do aparelho disciplinar: levando ao extremo, que tudo possa servir para punir a mínima coisa; que cada indivíduo se encontre preso numa universalidade punível-punidora (Foucault, 2014, p. 175).

Um aspecto chave para a construção do biopoder, segundo Esposito, é o conceito de imunização. Ao inserir em si mesma aquilo que é considerado como perigoso à ordem social (um “antígeno”), em um processo análogo à imunização biológica (mais precisamente, à imunização através de vacinas), a sociedade biopolítica realiza uma imunização social necessária para sua própria sobrevivência (Esposito, 2010, p. 82).

O “antígeno” de tal imunização social é o “outro”, o ser que representa o oposto do que é considerado bom pela sociedade. As relações de inimizade, segundo Achille Mbembe, são aquilo que sustenta as sociedades, criando vínculos de ódio que sustentam desejos, paixões e a violência desmedida contra o outro (Mbembe, 2020, p. 81-82). Mbembe ainda ressalta a importância das colonizações europeias para a criação de novas formas de inimizade e de formas de violência:

Misturando sadismo com masoquismo, por vezes cegamente aplicados, de acordo situações geralmente inesperadas, a empresa colonial tinha tendência a quebrar todas as forças que se opunham a estes impulsos, ou ainda, procuravam inibir o seu caminho no sentido de uma toda a espécie de prazeres perversos. Os limites do que considerava “normal” eram constantemente alargados, e poucos desejos eram alvo de franca repulsa ou, ainda, de incômodo ou de repugnância. O mundo colonial era um mundo com uma alucinante capacidade de se adaptar à destruição dos seus objectos – incluindo os indígenas (Mbembe, 2017, p. 77).

A afirmação de Mbembe pode ser utilizada para pensar a importância da inimizade durante o Estado Novo de Salazar. Portugal possui um extenso histórico colonial, algo que é resgatado por Salazar em seu projeto de criação de um ideal da nação portuguesa gloriosa. É possível afirmar, portanto, que a ditadura fascista de Salazar está intrinsecamente ligada aos conceitos de biopolítica e inimizade.

### 3 A monstruosidade e os zumbis

Além dos conceitos de biopolítica e inimizade, é necessário, para a análise que pretendo traçar aqui dos contos de José Gomes Ferreira, realizar uma retomada teórica da monstruosidade e, mais especificamente, da figura do zumbi, além de pensar como tal figura se relaciona com as teorias já apresentadas. Figuras monstruosas estão presentes nas sociedades humanas há milênios, com exemplos variando da figura bíblica de Golias até figuras como vampiros e lobisomens. Toda representação monstruosa, porém, é carregada por aspectos culturais específicos do tempo histórico em que foi criada:

“Monster Theory” must therefore concern itself with strings of cultural moments, connected by a logic that always threatens to shift; invigorated by change and escape, by the impossibility of achieving what Susan Stewart calls the desired “fall or death, the stopping” of its gigantic subject, monstrous interpretation is as much process as epiphany, a work that must content itself with fragments (Cohen, 1996, p. 6).

Além disso, outra característica da monstruosidade é sua intrínseca relação com momentos históricos de crise (Cohen, 1996, p. 6). Tal característica se torna importante para a análise literária dos contos, escritos no contexto da salazarismo que, segundo Fernando Rosas, é tanto um fruto da crise do sistema liberal do início do século XX quanto uma resposta das elites conservadoras a essa mesma crise (Rosas, 2022, p. 35).

Uma terceira característica a ser observada acerca das monstruosidades é sua tendência a se basear na alteridade. Segundo Jeffrey Jerome Cohen,

The monster is difference made flesh, come to dwell among us. In its function as dialectical Other or third-term supplement, the monster is an incorporation of the Outside, the Beyond—of all those loci that are rhetorically placed as distant and distinct but originate Within. Any kind of alterity can be inscribed across (constructed through) the monstrous body (Cohen, 1996, p. 7).

Ao representar a diferença e o outro, os monstros se tornam, portanto, armas para a caracterização de inimigos, mesmo aqueles inimigos inseridos no corpo das sociedades de forma imunizante. Entre as criaturas monstruosas estão os zumbis, figuras de seres humanos que, mesmo após morrerem, continuam em um espaço intermediário entre a vida e a morte.

O nome “zumbi” possui origem na cultura de pessoas escravizadas nas colônias do atual Haiti, sendo posteriormente apropriado pelas culturas dos países europeus, resultando quase no apagamento de sua origem (Cohen, 2017, p. 383). A origem do arquétipo dos zumbis enquanto monstros está, portanto, intimamente ligada ao processo de colonização europeia.

Uma das características dos zumbis é que, após a morte do indivíduo e sua entrada no espaço liminar entre a vida e a morte, há o desaparecimento da identidade do antigo ser humano:

Whereas many familiar monsters are singular and alluring characters, zombies are a collective, a herd, a swarm. They do not own individualizing stories. They do not have personalities. They eat. They kill. They shamble. They suffer and they cause suffering. They are dirty, stinking, and poorly dressed. They are indifferent to their own decay. They bring about the end times. They are the perfect monster for a human world more enamored of objects than subjects, in which corporations are people and people are things (Cohen, 2017, p. 384).

Sem individualidade, inserido em um coletivo unificado e reduzido a somente suas funções orgânicas primárias, como células em um grande corpo, o zumbi, como arquétipo, revela seu potencial de relação com o projeto corporativista organicista dos fascismos enquanto regime.

#### 4 Salazar, zumbis e os contos literários

As teorias da biopolítica e da inimizade, além de sua ligação com o arquétipo dos zumbis e o salazarismo, podem ser analisadas a partir dos contos presentes no livro *O mundo dos outros*, de José Gomes Ferreira. Publicada pela primeira vez em 1950, a obra é composta por 23 contos.

Serão destacadas a análise dos contos *A sombra*, *Infância estragada: memórias em forma de panfleto frustrado* e *A rapariga sem cara*, mais especificamente como são construídas as personagens e a relação destas com o narrador. Os três contos retratam Portugal durante o governo salazarista, apesar de indicarem momentos diferentes do governo de António Salazar.

O primeiro conto a ser analisado, *A sombra*, apresenta um narrador em primeira pessoa que, ao sair de sua casa e participar da vida social de sua cidade, vai, aos poucos, saindo de um estado de calma e paz para um estado de raiva e violência, em um movimento de contaminação do indivíduo por uma massa coletivizada e sem individualidade, algo análogo à infecção dos sujeitos por uma horda zumbi.

Logo no começo do conto, o narrador descreve o espaço em que se encontra, com diversas figuras que remetem à sensação de paz: “Uma serenidade tépida cinge toda esta paisagem de trepadeiras e de ceroulas a secarem ao sol numa sinfonia natural de cores, pombas, luz e árvores com flores azuis no Largo dos Ratos” (Ferreira, 2000, p. 59). Essa paz, porém, é quebrada, segundo o narrador, pelas pessoas que “resolveram não coincidir com a natureza” (Ferreira, 2000, p. 59). O começo do texto já apresenta uma dualidade entre o espaço “saudável” e as pessoas que, absorvidas na vida salazarista, não se alinham a tal “saúde”, algo análogo a infecções sofridas por corpos biológicos. Após a apresentação do espaço e a afirmação da “incoerência” com o espírito das pessoas, o narrador descreve a cena de uma conversa:

Foi precisamente hoje que todos vieram para a rua com tempestades por dentro, num estoírar de trovoada interior a rasar as almas de lés a lés, com relâmpagos negros nos olhos sorumbáticos e trovões no furor justo daquela mulher, de giga à cabeça, aos berros para uma senhorita encostada ao parapeito da janela do seu terceiro andar com os braços papudos de nada fazer (Ferreira, 2000, p. 59).

No trecho, há a primeira descrição de personagens no conto. É perceptível o modo pejorativo com que o narrador realiza a descrição, enfatizando os “olhos sorumbáticos” de uma personagem e os “braços papudos de nada fazer” de outra. Esse modo de caracterização se assemelha à descrição de monstruosidades, que geralmente também são pejorativas, enfatizando aspectos vistos como negativos do corpo do monstro.

Em seguida, no conto, o narrador descreve sua saída de casa, até o momento em que, preocupado com sua feição, que poderia estar amedrontadora, assim como as feições dos outros transeuntes, demonstra uma preocupação com a “contaminação” que o coletivo poderia exercer. Ao retornar à sua caminhada, o narrador encontra

outras personagens e as descreve: “Colada ao meu silêncio, com pinchos de tonta, saltitava uma velhota de farripas e chinelos rotos, com uma criança de mama ao colo, enrolada num xale com rendas de miséria” (Ferreira, 2000, p. 60).

Novamente, o narrador ressalta as características vistas como negativas da aparência das personagens: uma “velhota de farripas”, com trajes velhos e de má qualidade. A descrição dos trajes das personagens se relaciona com a vestimenta que é comum aos zumbis, geralmente apresentados como seres mal vestidos (Cohen, 2017, p. 384).

A personagem descrita inicia uma conversa com o narrador. Durante sua fala, ela descreve o estado de sua filha: “Está no hospital toda podre. Até cheira mal” (Ferreira, 2000, p. 60). A descrição, agora por parte da personagem, revela novamente características próximas ao arquétipo dos zumbis: em estado putrefato e possuindo mal odor. A fala revela uma maior amplitude das características, presentes em locais além do caminho do narrador.

Após a fala da personagem, o narrador encontra outro personagem, que diz ser seu colega do Liceu de Camões, que demonstra lembrar bastante do narrador, que, por sua vez, não se lembra muito do colega. Quando o personagem começa a falar com o narrador, este tenta se desvincilar do diálogo:

Não me lembro, mas digo-lhe que sim para não o desiludir. E abro, com esforço enorme, um sorriso que mal cobre o frio da caveira. Mas ele não repara lá no sorriso! O que quer é falar, falar, falar... Desde que deixou o liceu, nada mais de importante (de aristocrático ia eu a escrever) lhe sucedeu na vida, para sempre amarrada àquele passado da 4.a B (Ferreira, 2000, p. 61).

A descrição do personagem, no trecho, revela algumas semelhanças com o arquétipo dos zumbis. Primeiramente, ao não reparar no sorriso do narrador e só possuir a vontade de falar, o personagem se assemelha aos zumbis pois ambos possuem somente uma vontade em suas existências: o personagem somente possui vontade de falar, enquanto os zumbis somente possuem vontade de se alimentar. Nas duas ações, há uma relação entre impulsos orais que estabelecem um contato entre o sujeito e o mundo, porém, tanto no caso do personagem quanto no caso dos zumbis, essa relação ocorre de forma a ignorar o outro: o personagem fala sem se importar com quem o ouve, enquanto os zumbis se alimentam sem se importarem com o que está sendo ingerido.

Em seguida, o narrador também descreve o personagem como alguém que, após um ponto no tempo, não realizou nada importante, estando preso ao passado,

algo também característico aos zumbis, que, após serem infectados, não realizam mais feitos importantes, com o que sobrou de suas consciências estando presas ao momento de infecção. O personagem começa a contar uma história, que o narrador descreve como “Uma história análoga a milhões de histórias banais, sofridas por milhões de homens também banais” (Ferreira, 2000, p. 62). A caracterização do personagem como alguém banal reforça que ele é visto como uma pessoa igual a várias outras, uma massa de semelhantes, assim como os zumbis.

O narrador então, deixa o colega de lado, porém, revela que outras pessoas ainda o pararam durante sua caminhada, para, principalmente, lamentarem:

Estava escrito que, durante todo o dia, amigos, inimigos e indiferentes me chorasse no seio amores não correspondidos, tentativas de suicídio, (...) destroços, cantochão... E, principalmente, a Lamúria, o lacrimejar, o faduncho da impotência que parece ter substituído de vez o protesto viril, o soco na mesa (Ferreira, 2000, p. 62).

O trecho revela que há uma sensação de impotência, um dos sintomas daquelas pessoas que o interrompem e lamentam. Os personagens, imersos no salazarismo, não mais protestam, mas, em massa, somente lamuriam. Assim como zumbis, não possuem mais poder de ação, somente de reação.

O grande contato com as pessoas torna o narrador preocupado: “Enfim: o coro da choradeira tornou-se tão insistente, tão forte, que – confesso – me contagiou também. Pouco a pouco, senti galgar-me o desejo chorincas de desafogar, com a primeira pessoa que encontrasse, a primeira amargura amarela que me viesse à boca” (Ferreira, 2000, p. 63) A preocupação do narrador se dá, portanto, pelo fato de que a massa de indivíduos que ele encontrara na rua estava o contagiando com suas maneiras.

O paralelo com a infecção aumenta quando, a seguir, o narrador diz que, no meio da tarde, estava febril (Ferreira, 2000, p. 63). Apesar de conseguir conter a “contaminação”, o narrador revela que mais uma pessoa o aborda: “Ao dobrar a esquina de uma certa rua deserta, quando seguia distraído o deslizar de minha sombra no chão, eis que me surgiu de súbito na frente uma mulher alta, gorda, de pele oleosa e formas abundantes mal contidas por um vestido preto a luzir sebo” (Ferreira, 2000, p. 63). Novamente, há uma descrição de personagem que ressalta, negativamente, suas características físicas, algo que se assemelha às descrições monstruosas. A descrição negativa da mesma personagem ocorre novamente, alguns momentos depois, quando o narrador diz que estava “esmagado por aquela inundação de formas, sufocado com o cheiro a suor da flibusteira” (Ferreira, 2000, p. 63).

A personagem assalta o narrador, chorando e dizendo que precisava de dinheiro para cuidar de sua mãe, que estava morrendo. O narrador dá-lhe o dinheiro e a mulher decide pedir mais, “lobrigando outras notas da carteira” (Ferreira, 2000, p. 64). Ao descrever que a personagem estava “lobrigando” mais dinheiro, o narrador se aproxima a personagem ao arquétipo dos zumbis, que possuem uma fome insaciável.

O narrador, por fim, decide fugir da assaltante, e demonstra uma alteração de seu estado do início do conto: “Fui vexado, espezinhado, torvo, condoído de mim mesmo, e com vontade trémula de começar também a lamuriar, em objurgatórias de raiva e cinzas nos cabelos” (Ferreira, 2000, p. 64). O narrador revela, no trecho, que seu processo de infecção está completo. A mesma pessoa que, no início do enredo, analisava a calma da natureza e estranhava as pessoas que brigavam com raiva e se lamentavam, agora abandonara a calma de um estado natural saudável, e estava, assim como o restante das pessoas, com raiva e se lamentando. O coletivo corporativizado, característico do salazarismo, infecta o narrador assim como os zumbis massificados infectam os indivíduos.

Ao final do conto, o narrador relata que sua sombra, ao vê-lo se lamentar, o adverte para que não continue assim, e, percebendo que somente a advertência não foi o bastante, o agride fisicamente, para, enfim, retornar ao normal. A passagem, descrita pelo narrador como uma “mentira evidente”, para dar um fim digno ao conto (Ferreira, 2000, p. 64), se relaciona a uma possível cura, ainda que imaginária, que tenta trazer o indivíduo novamente a sua vida individual, sem as contaminações sociais.

O conto *A sombra* possui, portanto, diversos momentos em que os personagens se assemelham ao arquétipo dos zumbis. Outro conto do livro que possui essa característica é *Infância estragada: memórias em forma de panfleto ilustrado*. O conto é narrado por um narrador em primeira pessoa que inicia a narração retomando sua infância e sua relação com criaturas sobrenaturais:

Assim, quando aos 14 anos, pálido de curiosidade medrosa, discutia comigo mesmo o problema da existência ou não existência dos fantasmas (ofereço um doce a quem não atravessou trâmites idênticos), era infalível que toda a gente em redor aludia a almas do outro mundo, como se houvesse nas coisas o conluio disperso de me aguçar o pavor e de tornar mais afiado este instrumento de tortura chinesa que se chama <>análise<> (Ferreira, 2000, p. 81).

O início do conto se torna interessante para a análise a partir da teoria das monstruosidades pois o narrador menciona abertamente um dos arquétipos monstruosos: o dos fantasmas. Além disso, há, assim como em *A sombra*, uma

referência a uma contaminação do narrador por parte da sociedade, por meio da instigação à análise (algo visto pelo narrador como uma “tortura chinesa”).

O narrador continua a descrever algumas preocupações que possuía, quando criança, com entidades monstruosas: duendes, caveiras e espectros. Apesar de tentar, à época, o narrador não conseguia abandonar tais pensamentos (Ferreira, 2000, p. 82), a que o narrador culpa o ambiente em que vivia. Novamente, a sociedade do salazarismo contamina o narrador.

Após o relato de seus pensamentos da infância, o narrador afirma que diversos conhecidos seus possuem relatos de “infâncias estragadas”. Segundo o narrador, as razões de estragos na infância eram diversas,

Mas a maioria pensava, embora muitos o não exprimissem com clareza, que não valia a pena perder tempo a embalar saudades desse período tão humilhante, vivido com desconsolo num mundo afinal inventado de propósito para as pessoas crescidas beberem, comerem, fumarem, jogarem o bridge, criticarem o tempo e dizerem asneiras com as bocas inexplicavelmente sem açaime (Ferreira, 2000, p. 82-83).

A passagem revela que a sociedade em que as personagens viviam, contaminada pelo fascismo, era pensada unicamente por adultos, ocasionando um sentimento de que as crianças não eram consideradas pessoas, algo que se assemelha ao modo como as monstruosidades são encaradas.

O relato do narrador foca, então, em sua própria infância e como esta foi estragada, em um primeiro momento, por um professor de matemática:

Era um senhor alto, ventrudo, glabro, de lunetas cínicas e feições gelidamente irônicas que olhava para nós como para feras de bibe e calção capazes de, ao mínimo descuido do domesticador, saltarem para o estrado, comerem-no vivo, roubarem-lhe a caderneta, partirem-lhe o ponteiro na calva e escreverem no quadro, a giz, a divisa libertadora: <<Abaixo as equações! Viva o jogo da barra!>> (Ferreira, 2000, p. 83).

O trecho revela o pensamento do professor, enquanto representante de uma classe dominante, acerca das crianças, representantes das classes marginalizadas. Os alunos são vistos como uma massa monstruosa, capazes de, a qualquer momento, “comerem” o professor ainda vivo, à semelhança de zumbis, massas coletivas com fome insaciável. A massificação das figuras dos alunos pelo professor também é um reflexo do momento histórico do conto, tendo em vista que, durante o contexto salazarista, a organização corporativa da sociedade portuguesa abrangia diversos setores, incluindo as escolas (Rosas, 2000, p. 163).

Além de ver seus alunos como monstros, o professor, segundo o narrador, ainda aplicava torturas mentais e físicas contra os estudantes, em um movimento de tentar conter seus desejos (Ferreira, 2000, p. 83). O tratamento violento dispensado às crianças marginalizadas se assemelha tanto às características da sociedade disciplinar conforme discutido por Foucault quanto ao modo violento como o fascismo português conduzia suas ações quanto ao modo como a violência contra os zumbis é justificada por sua natureza não-humana (Cohen, 2017, p. 385-386). O tratamento dispensado pelo professor causa no narrador o sentimento de “infância estragada”, retirando-lhe sua liberdade e contaminando-lhe com ódio e indisciplina (Ferreira, 2000, p. 83). Esse movimento, aliado com o pensamento do professor, aproxima o narrador do arquétipo do zumbi, que não possui liberdade e individualidade, sendo contaminado por sentimentos “selvagens”.

O narrador prossegue seu relato, afirmando:

ao invés das crianças de todo o mundo que folgam pelo menos uma hora por dia ao ar livre nos pátios de recreio, a admirarem o sol, as árvores, as nuvens, como brinquedos maravilhosos, eu e os meus camaradas de colégio sofríamos a nossa hora diária de penumbra magoada, as nossas férias de tortura, naquela saleta negra, bafienta, com as carteiras riscadas a canivete e um senhor cínico, de ponteiro em punho, a domesticar a nossa palidez de haver matemática! (Ferreira, 2000, p. 84).

A descrição da escola pelo narrador remete a uma prisão que controla as crianças, por sua vez, vistas pelos adultos como monstros. O espaço em que os estudantes convivem pode ser visto como um exemplo dos mecanismos disciplinares descritos por Foucault. Como o objetivo das instituições disciplinares é adestrar os indivíduos, que no conto são vistos pelos professores como monstros, se torna possível traçar paralelos entre a sociedade disciplinar, representada pela instituição escolar, a mecanismos de cura das monstruosidades. Além disso, a prisão das crianças tornadas monstros se assemelha ao conceito de imunização de Roberto Esposito: estudantes monstruosos que são inseridos na sociedade de forma controlada e enfraquecida para, assim, imunizar a sociedade corporizada contra tal monstruosidade.

O narrador finaliza a primeira parte de seu relato sobre a infância afirmando que toda sua geração passou por essa experiência, revelando o caráter opressor que se fez presente em todo o território português durante o Estado Novo de António Salazar.

Na segunda parte do conto, o narrador retoma suas vivências com as azedas, ervas ácidas que comia na infância, e como utilizava as memórias de tais ervas e de

suas tardes de liberdade para escapar dos momentos sombrios que vivia em sala de aula:

Quando me recordo desses caules gordos de seiva acre, vêm-me sempre à tona da alma um fio de luz desenhado no pó do giz e as figuras dos professores, hirtos como afogados, a rechearem-me a cabeça de ciência inútil, enquanto lá por fora refulgia o céu azul para onde me apetecia dar um salto voador através das janelas (Ferreira, 2000, p. 85).

Há, no trecho, uma breve inversão das figuras massificadas, com os professores sendo vistos pelo narrador como figuras iguais e inflexíveis, que se assemelham, por essa característica, aos zumbis. Os professores, em uma sociedade organicista, podem ser vistos como figuras que “infectam” os alunos com os valores do regime salazarista.

Na terceira parte do conto, o narrador relembra suas vivências quando, ainda mais novo do que nas outras partes, comparecia aos “comícios da propaganda republicana de boa memória” (Ferreira, 2000, p. 87). Ao comparecer a esses eventos, o narrador se sentia entusiasmado com a revolução em curso no país, assim como os outros participantes dos comícios:

Aplaudiam e berravam e choravam e cantavam como se aquela chusma de homens de <<pêra>> romântica tivessem exatamente a mesma idade do que eu e usassem, também, por dentro, calções até aos joelhos e colarinhos à bebé onde apatecesse escrever <<vivas à República>> com o sangue dum dedo picado (Ferreira, 2000, p. 88).

A característica de uma massa homogênea é explícita na descrição que o narrador faz durante o trecho, assim como sua ligação com o contexto político. Os personagens, assim como zumbis, são reduzidos a uma massa que somente repete ações, sem individualidades, e que possui atitudes que remontam a selvageria, como chorar e berrar. Analisando seu sentimento atual acerca desses momentos, o narrador informa que:

Depois, cresci. Arrojei o colarinho fora. Estiquei as calças até aos canos das botas. Li muito. Mudei de voz. Li mais. Espanejei o pó do coração. E, num dia de curiosidade fria, reli os velhos discursos, talvez na esperança de encontrar, nas cinzas, ainda o delírio da chama remota. Mas só achei frases ingênuas e sons de tambores a rufarem adjetivos (Ferreira, 2000, p. 89).

A alteração de consciência do narrador, revelada no trecho, demonstra uma certa “cura” para a contaminação exercida pela massa coletivizada, que se dá pelo crescimento e, principalmente, pelo estudo (fato marcado duas vezes no mesmo trecho).

Na quarta parte do conto, o narrador altera seu foco para os exames aplicados pelo ambiente escolar. Ao lembrar desses momentos, o narrador afirma: "Mal penso nisso, rompe-me logo na alma o desejo intenso de escrever um panfleto com este título em forma de clamor: HUMILHARAM-ME" (Ferreira, 2000, p. 90). A humilhação, segundo o narrador, se dá pela transformação das características dos estudantes, que passam de pessoas com individualidade para pessoas com um medo coletivo. O processo de transformação das crianças, de indivíduos saudáveis e naturais para um coletivo doente e socialmente contaminado pelo medo, se assemelha tanto ao modelo corporativista do Estado salazarista quanto à figura arquetípica dos zumbis. O narrador, então, retoma a argumentação de que os exames apagam a individualidade do estudante, em um movimento semelhante à perda de identidade do indivíduo zumbificado:

Quer dizer: o exame era uma instituição nefasta, inventada de propósito para me obrigar a esquecer o pouco que aprendera à minha custa durante o ano, longe da ciência dos mestres e da pedantice dos pedagogos: a lealdade, a audácia de opinião, a firmeza de carácter, o horror à credice, a coragem de ser eu mesmo, o heroísmo de querer um futuro novo (Ferreira, 2000, p. 93).

A quinta parte do conto inicia com o narrador retomando uma caminhada em busca de uma árvore. Logo, ele revela que a árvore fora plantada durante seus tempos de escola, em uma atividade realizada por um professor com os alunos. Durante a atividade, os alunos são instruídos a andar em fila e, quando chegam ao local do plantio, a cantar um "hino à liberdade" (Ferreira, 2000, p. 94). Os alunos então, se comportam de maneira coletivizada e organicista. Segundo o narrador: "Terminada a canção, cada um de nós, quase com um prazer litúrgico, pegou na pá e começou a deitar terra para a cova onde o Sr. Professor enterrara a árvore sagrada" (Ferreira, 2000, p. 94). O trabalho coletivizado e, praticamente, corporativista, realizado após o professor "contaminar" os alunos com a "ordem", se relaciona ao arquétipo dos zumbis, principalmente ao arquétipo primário dos zumbis haitianos, seres criados para o trabalho manual (Cohen, 2017, p. 383)

As semelhanças dos personagens do conto *Infância estragada: memórias em forma de panfleto ilustrado* e o arquétipo dos zumbis são variadas. Tanto a classe dominante (os professores) quanto a classe marginalizada (os estudantes) são alvos de visões que os tornam personagens zumbificados.

O último conto a ser analisado é *A rapariga sem cara*. Novamente, o conto apresenta um narrador em primeira pessoa que participa da ação da narrativa. O narrador inicia o enredo andando em uma rua à noite, até que encontra uma mulher:

Atentei melhor e vi uma rapariga de casacão castanho e tacões altos que se detinha a cada momento para, apoiada ao muro, ajeitar os sapatos naquela ginástica difícil, que finda quase sempre por uma dança de pé-coxinho. Em seguida atrevia-se a arriscar mais um ou outro passo, a doer-se toda como se pisasse um caminho calcetado de fundos de garrafas (Ferreira, 2000, p. 100).

A primeira descrição da personagem revela uma mulher que anda com dificuldade, o que se assemelha a uma das características dos zumbis, que geralmente também andam com dificuldade. O narrador se aproxima da mulher e, após andar ao seu lado, sugere que ela tire o sapato que está a incomodando. Nesse momento se inicia uma conversa, até que o narrador tenta descrever o rosto da mulher:

A rapariga parou então e mirou-me pela primeira vez. Com um olhar suspicaz, ia eu a escrever. Mas não. Por mais que me concentre não consigo recordar-lhe as feições ou a cor dos olhos, quanto mais o conteúdo do olhar. A verdade é que da cara dessa desconhecida da ladeira nada me ficou na memória: nem o nariz nem o desenho do queixo, nem a cor dos cabelos (Ferreira, 2000, p. 101).

Ao tentar lembrar do rosto da mulher e não conseguir se recordar de suas feições, o narrador realiza um processo de apagamento da individualidade da personagem, o que a assemelha dos zumbis, que, segundo Cohen, são seres sem identidades (Cohen, 2017, p. 387). Além de realizar o apagamento da individualidade através do rosto da personagem, o narrador também realiza o processo através do nome da mulher (Ferreira, 2000, p. 101).

Após a sugestão do narrador, a mulher retira os sapatos, e, após uma breve conversa com o narrador, relata que seu filho está morto. Porém, o narrador relata existir, na mulher, “nenhum esforço de tragédia nas palavras nem nos gestos. Apenas um desinteresse frio de lâmina, o desamor total de si mesma, o não lhe importar a vida, nem a morte, nem o ódio, nem o amor. Vazia apenas num sem-drama de meter medo.” (Ferreira, 2000, p. 102). A falta de sentimentos expressa pela mulher ao falar sobre a morte de seu filho, contrastada pela reação do narrador, “aturdido com aquele filho morto” (Ferreira, 2000, p. 102) se assemelha ao arquétipo dos zumbis, sem sentimentos e sem propósito em suas “vidas”. O narrador prossegue, relatando que:

agora que a tenho aqui na frente, pela primeira vez, sem ilusões, sem mentiras de flores, sem ternuras fúnebres, sem sofrimento sequer. Vida apenas, por mero ímpeto de respirar, num mundo de resignação sem gritos, povoado de mulheres por essas ruas, só com um par de sapatos, a venderem-se por um filho morto (Ferreira, 2000, p. 103).

A descrição da mulher no texto como uma pessoa que somente vive, “por mero ímpeto de respirar”, assemelha ainda mais a personagem ao arquétipo dos zumbis, que mantém somente funções vitais em suas existências. O trecho também revela o pensamento do narrador acerca da quantidade de mulheres que vivem na mesma situação que a da personagem, criando um senso de massificação das mulheres sem rosto e sentimentos, somente com uma fraca adesão à vida. A massificação aproxima a descrição, novamente, ao arquétipo dos zumbis. O narrador prossegue com a narrativa da mulher:

Esta era apenas costureira de calças, abandonada pelo brutamontes do pai a viver, por esmola, na mansarda duma velha bruxa somática que só pensava nas suas varizes e nas suas flatulências. Um dia, apareceu-lhe um rapazola com céus de labareda nos olhos e psicologia de bicho. A presa era de carne fácil e, em certa tardinha de chuva, ao sair da oficina, já com as luzes acesas, deixou-se enrolar num turbilhão de fúria sem alma que terminou no acaso de um filho (Ferreira, 2000, p. 103-14).

O modo como o narrador constrói o trecho produz semelhanças com as histórias arquetípicas de zumbis. O modo como o pai do filho é descrito, com “psicologia de bicho” já carrega uma semelhança com o arquétipo dos zumbis como seres não-humanos. Além disso, o modo como se dá a concepção do filho se assemelha a uma infecção zumbi, com passagens como “a presa era de carne fácil” e “turbilhão de fúria sem alma”. No final do conto, o narrador, apesar de se mostrar enraivecido com a situação da mulher, acaba sem realizar nenhum ato de raiva ou mesmo compaixão, se resignando a uma despedida “na minha voz habitual (ah, sempre tão fria)” (Ferreira, 2000, p. 105). A falta de ação frente a tal situação possui similaridade com o início de uma infecção pela frieza da mulher.

## 5 Considerações finais

O Estado Novo salazarista, com seu forte pensamento colonizador e corporativista, é um momento fortemente marcado pelos conceitos de biopolítica e inimizade. O arquétipo dos zumbis se encaixa no período salazarista, sendo um monstro coletivo, sem individualidades e propenso a violências justificáveis. Os contos do livro *O mundo dos outros: histórias e vagabundagens*, apesar de não possuírem personagens zumbis, possuem diversos outros personagens cujas descrições e ações se assemelham àquelas dos personagens zumbificados.

Em *A sombra*, os personagens, vivendo em uma sociedade do salazarismo corporativista, se comportam como uma massa sem individualidade, que, aos poucos, vai contaminando o narrador do conto, que se torna, ao fim, mais uma pessoa dentro dessa massa coletivizada. Os paralelos possíveis com os zumbis se relacionam à contaminação do indivíduo saudável pela massa zumbi.

Em *Infância estragada: memórias em forma de panfleto frustrado*, há uma dupla semelhança com os zumbis: os professores, representantes do Estado violento quanto os estudantes, figuras marginalizadas, como grupos semelhantes a zumbis, assim como o contrário também ocorre. *A rapariga sem cara*, por sua vez, foca no tratamento dispensado pela sociedade salazarista às figuras marginalizadas, vistas como pessoas semelhantes a zumbis e que possuem a capacidade de infectar pessoas “saudáveis”.

Os zumbis se demonstram, portanto, como uma possível ligação entre todos os conceitos apresentados no livro com a sociedade do Estado Novo salazarista, a biopolítica e a inimizade.

## Referências

COHEN, Jeffrey Jerome. **Grey**: a zombie ecology. In: Lauro, Sarah Juliet. *Zombie theory: a reader*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2017, p. 381-394.

COHEN, Jeffrey Jerome. **Monster theory: reading culture**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.

ESPOSITO, Roberto. **Bios**: biopolítica e filosofia. Tradução de M. Freitas da Costa. Lisboa: Edições 70, 2010.

FERREIRA, José Gomes. **O mundo dos outros**: histórias e vagabundagens. Lisboa: Dom Quixote, ed. 9, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 2014.

MBEMBE, Achille. **Políticas da inimizade**. Tradução de Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2017.

ROSAS, Fernando. **Salazar e os fascismos**: ensaio breve de história comparada. São Paulo: Tinta-da-China Brasil, 2023.

Submetido: 16/10/2024

Aceito: 7/5/2025